
Black Lives Matter na mídia impressa brasileira: uma análise da cobertura do tema nos jornais O Estado de São Paulo e Folha de S.Paulo¹Rita DONATO²

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Paulo, SP

Rubens Aparecido CAMPOS³

Centro Universitário Sant'Anna (UniSant'Anna), São Paulo, SP

Resumo

Enquanto a Organização Mundial da Saúde orientava a sociedade a permanecer em casa para combater o novo coronavírus, os cidadãos se organizavam usando a *hashtag BlackLivesMatter* nas mídias sociais para ocupar as ruas na maior manifestação popular contra o racismo desde os anos de 1960. Durante a pandemia da COVID-19, as vidas negras ganharam espaço no noticiário após o assassinato do segurança americano George Floyd. Para observar como a imprensa brasileira abordou o tema, este trabalho recortou publicações veiculadas entre maio e agosto nos jornais O Estado de São Paulo e Folha de S.Paulo. A análise qualitativa considerou os critérios substantivos de noticiabilidade (TRAQUINA, 2008) e identificou, principalmente, aspectos de relevância e atualidade nos textos de ambos os veículos, apesar de uma abordagem mais factual do Estadão.

Palavras-chave: ciberativismo; cibermobilização; racismo; valor notícia.

Ativismo na era da conexão e da mobilidade

Os protestos pela morte do texano George Floyd ganharam repercussão mundial após a transmissão ao vivo, no Facebook, de um vídeo captado pelo celular por uma jovem americana de 17 anos, no dia 25 de maio de 2020, que mostra um policial branco de Mineápolis, nos Estados Unidos, ajoelhado no pescoço da vítima enquanto ela repetia a frase “I can’t breathe!” (Não consigo respirar). Em plena quarentena, recomendada por órgãos de saúde para combater a pandemia da COVID-19, a sociedade se mobilizou ao redor do mundo - inicialmente nas mídias sociais e saiu às ruas para pedir o fim da violência contra vidas negras.

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação e Inovação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e docente na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e no Centro Universitário Sant'Anna (UniSant'Anna), São Paulo, SP, e-mail: ridonato@gmail.com

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP) e docente no e no Centro Universitário Sant'Anna (UniSant'Anna), São Paulo, SP, e-mail: rubens.akampos@gmail.com

As manifestações, que partiram do *on-line* - com o uso da *#BlackLivesMatter* (Vidas Negras Importam)⁴ - e se concretizaram no *offline* no contexto histórico do isolamento social, têm relação com a conectividade. Isso porque a popularização da Internet e das mídias móveis reconfigurou as formas de ativismo e o papel do cidadão na noticiário, colocando-o como protagonista na construção e distribuição de conteúdos. Na era da conexão e da mobilidade, internautas fortalecem mobilizações sociais na nova esfera pública: o ciberespaço (JENKINS, 2009; WEINBERGER, 2008; LEMOS, 2005).

Essa possibilidade de comunicação e mobilização social na cibercultura está relacionada a fenômenos culturais que exploram a construção de identidades a partir das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), da conectividade (COLVARA, 2007; KERCKHOVE, 2009) e da cultura da participação (JENKINS, 2009). Segundo Jenkins (2009), o internauta é capaz de controlar as narrativas por meio de suas experimentações, interagindo com qualquer pessoa e criando alternativa às mídias tradicionais.

Nesse contexto, o ciberativismo - identificado pelo engajamento do público conectado em fóruns digitais - estimula atividades humanas que produzem capital no ambiente virtual e podem gerar a necessidade de mudanças sociais (JUNGBLUT, 2015). Para o autor, “[...] fatores como rapidez informacional, ausência de mecanismos eficientes de censura, poder de difusão e mobilização” caracterizam a cibermobilização (JUNGBLUT, 2015, p. 14).

No caso específico do assassinato de Floyd, o movimento organizado a partir do uso da Internet levou tantos civis às ruas com o mesmo discurso que, dois dias após o fato, a cidade declarou estado de emergência por conta dos protestos (LABORDE, 2020). Vale reforçar o potencial das mídias sociais na divulgação do episódio e na adesão à *#BlackLivesMatter*, que gerou comoção mundial a partir de histórias compartilhadas por personagens que defendem as mesmas causas. Afinal, segundo Peruzzo (2008), movimento social “[...] pressupõe a existência de um processo de organização coletiva e se caracteriza pela consistência dos laços, identidades compartilhadas, certa durabilidade e clareza” (PERUZZO, 2008, p. 76).

Peruzzo (2013, p. 76) reforça ainda que desde a era pós-ditadura, no final dos anos 1970, movimentos sociais passaram a motivar a razão de ser de uma sociedade. Conforme

⁴ O uso do símbolo da *hashtag* (#) nas mídias sociais antes da palavra facilita a pesquisa de um termo específico. Nesse caso, trata-se de um coletivo internacional que surgiu nas redes sociais virtuais e está atrelado à luta contra a violência, além de cobrar justiça da prática rotineira da polícia em relação aos negros americanos.

a classificação da autora, o *Black Lives Matter* estaria categorizado entre os movimentos que “[...] defendem os direitos humanos relativos a segmentos sociais a partir de determinadas características na natureza humana (gênero, idade, raça e cor) ”.

Compreendendo esse movimento como uma tentativa da população para cobrar mudanças nas políticas públicas e discutir amplamente a questão do racismo estrutural, este artigo observa de que maneira a mídia impressa brasileira corrobora com o debate a partir da análise qualitativa de dois dos principais veículos de São Paulo: O Estado de São Paulo e Folha de S.Paulo. No entanto, antes de apresentar a análise, cabe compreender de que maneira o tema é tratado na mídia.

Racismo estrutural e a herança de Luther King

A morte de Floyd, captada e compartilhada em tempo real a partir de um dispositivo móvel conectado à Internet, permitiu que bilhões de indivíduos tivessem acesso ao caso em questão de segundos. Concordando com Weinberger (2008), é fácil compreender como as mídias sociais modificaram os hábitos da sociedade, já que as pessoas se comunicam, marcam encontros físicos, se amam, se odeiam, fazem política, produzem conteúdo, disseminam notícias e também *fake news*, expõem suas intimidades, alegrias e tristezas usando as redes sociais virtuais. Esse novo modelo evidencia a naturalidade tanto da vida quanto da morte no cotidiano, assim, a força das imagens passam a afetar o cidadão, afirma Sodré.

Profundamente imersos num processo civilizatório em que as imagens exercem um poder inédito sobre os corpos e os espíritos, começamos de fato a nos inquietar com o mistério da realidade sensível de todos esses signos visíveis e sonoros que administram o afeto-coletivo e a também a indagar sobre o encaminhamento político das emoções. É aqui então que o agir ético-político, quando acontece, faz emergir o ser comum como possibilidade de inscrição do diverso na trama das relações sociais para além das medidas fechadas da razão instrumental e da lei estrutural do valor, o capital (SODRÉ, 2006, p. 15).

A imprensa tradicional, desde sua fundação até o surgimento das redes sociais digitais, foi fundamental para anunciar mazelas e belezas da vida cotidiana nos jornais, nas revistas, nos folhetins, no rádio, na televisão e no cinema, controlados por censores internos, de viés políticos e interesses econômicos, que, por vezes, o público reagia.

Um exemplo é a onda de protestos na década de 1960, no sul dos Estados Unidos. A famosa marcha de Selma à Montgomery, em 1965, reuniu brancos e negros a protestarem pelo mesmo objetivo: igualdade e direito. Estrategicamente elaborada de forma pacífica e sem reagir às provocações da polícia, contou com a participação de um jovem pastor negro na linha de frente: Martin Luther King Jr., que usou a mídia para apresentar, ao vivo, o racismo institucional em ação.

O sucesso do protesto dependia de uma equipe de produção afinada; ensaios minuciosos nos bastidores por parte dos atores civis; direção permanente dos dramas em desenvolvimento; roteiros suficientemente flexíveis para manter a trama dramática e a clareza moral através dos imprevisíveis altos e baixos [...] (ALEXANDER, 2017, p. 216).

Luther King foi hábil. A marcha roteirizada e performática, combinada com imagens de violência explícita, comoveu o país e o mundo. A estratégia visava atrair a atenção dos brancos do norte do país, torná-los sensíveis e apoiadores da causa. A indignação mundial com as imagens de violência televisiva com seus concidadãos negros forçou o então presidente, Lyndon B. Johnson, a assinar a Lei dos Direitos do Voto de 1965 e dos Direitos Civis de 1965, demandas da população negra do sul do país. Décadas mais tarde, o país elegeu um presidente negro, Barack Obama, mas a estratégia de Luther King também teve um alto preço: sua própria vida.

Eram 6 horas da tarde quando o tiro foi disparado, ferindo mortalmente Martin Luther King, o pastor negro estadunidense que sonhava com uma sociedade racialmente igualitária à qual a minoria afrodescendente estaria plenamente integrada. Nesse 4 de abril de 1968, um dos líderes mais importantes do movimento por direitos civis se encontrava na sacada do 2º andar do Lorraine Motel em Memphis (PORTAL BRASIL DE FATO, 2018, p. 1).

A morte de Floyd, no entanto, não precisou da interferência da mídia tradicional. Assim como o novo coronavírus, o vídeo capturado por um dispositivo privado, sem aparente censura, disseminou e contaminou o mundo. O registro desse assassinato, sem a estratégia articulada por Luther King, concordando com Sodré (2006), demonstra que num mundo orientado por imagens e símbolos capazes de sensibilizar e apelar aos afetos, qualquer cidadão tem o poder de reunir multidões em torno de qualquer causa.

O vídeo curto produziu um enorme efeito, uniu pretos e brancos novamente a protestarem contra algo que, após meio século, não mudou e que ainda incomoda a grande maioria das pessoas: a violência policial contra negros. Foi preciso se organizar

virtualmente, por meio de coletivos de redes sociais, como o *Black Lives Matter*, para realizar manifestações e protestos reais contra essa prática.

Ao analisar essa forma de violência institucional apresentada na mídia *offline*, percebe-se o efeito que *on-line* pode produzir nos meios tradicionais, estimulando a produção de matérias de todos os gêneros. O racismo e o preconceito racial, que passaram a ser questionados com o apoio de personalidades negras e brancas de diversos segmentos - do esporte à política -, preencheram páginas de jornais para debater raça, cor da pele e seus perniciosos efeitos em todas as estruturas da sociedade (ALMEIDA, 2018).

Nos debates sobre a questão racial podemos encontrar as mais variadas definições de racismo. A fim de apresentar os contornos fundamentais de modo didático, classificamos em três as concepções de racismo: individualista, institucional e estrutural [...] (ALMEIDA, 2018, p. 27).

Assim, o autor classifica racismo a partir dos seguintes critérios de relações: (1) racismo e subjetividade; (2) racismo e Estado; (3) racismo e economia. Para a Almeida a visão individualista

[...] é concebida como uma espécie de ‘patologia’. Seria um fenômeno ético ou psicológico e caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos sociais isolados; ou ainda, a uma ‘irracionalidade’, a combatida no campo por meio da aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais (ALMEIDA, 2018, p. 28).

Na concepção individualista, do indivíduo racista, é notável a dificuldade de aceitar uma situação de racismo, não se admite a sua existência devido à sua natureza psicológica, apesar de sua imoralidade, apenas o “preconceito”, ainda que possa acontecer indiretamente, mesmo que tenha natureza política (ALMEIDA, 2018).

O autor acrescenta ainda que as instituições orientam, criam rotinas, normatizam e coordenam comportamentos e ações sociais para manter a estabilidade ao sistema social criado (ALMEIDA, 2018). Nesses espaços, os grupos que detêm o poder estabelecem seus critérios e parâmetros para preservar a hegemonia de controle e poder, nesse caso, a raça branca. Apesar disso, o grupo dominante sempre enfrenta resistência dos outros discriminados que desejam participar do poder, para chegar a um equilíbrio é preciso que sejam feitas algumas concessões.

[...] para modificar a atuação do mecanismo discriminatórios, como estabelecer novos significados para a raça, inclusive, atribuindo certas vantagens sociais a membros de grupos sociais historicamente discriminados. Isso demonstra que, na visão institucionalista, o racismo não se separa de um projeto político e de condições socioeconômicas

específicas (ALMEIDA, 2018, p. 32).

As instituições materializam ações individuais e aplicam suas práticas, e se elas fazem parte de uma estrutura maior, também está contaminada. Portanto, toda a sociedade seria racista, ou seja, a ideologia racial precisa ser combatida. Mas para que as práticas antirracistas sejam aplicadas dentro das próprias instituições e fomentadas por leis governamentais, a consciência da sociedade deve funcionar como um organismo capaz de promover ações afirmativas, remover barreiras, debater as práticas institucionais e acolher conflitos internos relativos tanto à raça quanto ao gênero, muito embora, tudo isso não as isentam de serem racistas (ALMEIDA, 2018).

O negro retratado na mídia

O tema não é recente, mas vale retomar para reforçar o papel da mídia na denúncia de casos de racismo. De volta aos anos de 1960, enquanto os Estados Unidos passavam por turbulentas manifestações pelo fim da segregação racial, pela liberdade e contra a guerra no Vietnã, o Brasil, tomado por um golpe de estado, vivia a falsa ilusão de uma democracia racial propagandeada pela política governamental.

Na América, desde os anos 1940, a revista *Ebony*, voltada para o público negro de classe média, exaltava a autoestima, apesar da violência racista. No Brasil, com as passeatas contra a ditadura, a Editora Abril lançou, em 1966, a revista mensal *Realidade*, direcionada para “homens e mulheres inteligentes”, segundo a *site* da biblioteca da Universidade de São Paulo. A publicação, que saiu de circulação em 1976, tinha a intenção de informar sobre temas da realidade.

As pautas sobre racismo e cor foram marcantes em duas edições, a de outubro de 1967, cuja manchete comparava o racismo nos Estados Unidos e no Brasil, traz uma reportagem feita por dois jovens repórteres, um preto e outro branco, que viajaram pelo país para verificar o grau e atitudes racistas e para constatar o “mito da democracia racial”. Em julho de 1971, o tema “Preto e Cor” tratou dos espaços que o preto conquistou no comércio, na indústria, nas artes e outras áreas. No país, o tema era tabu, parecia não existir racismo, mas a revista denunciava a fragilidade do discurso da igualdade e da harmonia entre as raças propagadas desde o início do século XX (FERNANDES, 2011).

Em setembro de 1996, a editora Símbolo lançou a *Revista Raça*, publicação

voltada para o público negro de classe média, e obteve expressivo número de vendas com temas relacionados à cultura negra. Mas com o surgimento da Internet, *sites*, *blogs* e *vlogs*, como Brasil de Fato, Portal Geledés, Alma Preta, Mundo Negro, Blogueiras Negras, entre outros, proporcionam espaço a negros e negras que utilizam as ferramentas para promoverem a autoestima e noticiarem fatos relativos à população negra.

Pela Internet, personagens comuns apresentam as suas ideias, sua cultura, discutem temas como cabelo, feminismo, empoderamento, representatividade, cor de pele, principalmente, racismo e ativismo. São cidadãos que, mesmo sem formação na área, produzem conteúdo, interagem com seus públicos de maneira segmentada, compartilham saberes e estimulam o ciberativismo. Lévy (2000) conceitua esse modelo como inteligência coletiva, pois “[...] pressupõe o questionamento de diversos poderes e [...] tem seu aspecto participativo, socializante, emancipador” (LÉVY, 2000, p. 29).

A partir das ponderações do autor, admite-se que essa nova estrutura fortalece indivíduos e grupos que se apropriam das redes estabelecidas no ambiente virtual para trocar conhecimentos e experiências. Essa cultura participativa tratada por Jenkins (2009) também recontextualiza o jornalismo clássico, que - conforme aponta o autor - está mudando as narrativas por entender que o cidadão está no controle das produções jornalísticas contemporâneas.

Procedimentos metodológicos e *corpus* da análise

Este artigo observa como os jornais impressos O Estado de São Paulo e Folha de S.Paulo abordaram as pautas a respeito de racismo e violência contra negros desde a morte de Floyd - em 25 de maio de 2020 - até o registro de um novo episódio que repercutiu mundialmente: o tiroteio envolvendo mais um negro, Jacob Blake, baleado pelas costas também durante abordagem de agentes brancos, no dia 23 de agosto de 2020, na cidade de Kenosha, nos Estados Unidos.

As palavras-chaves usadas para a localizar as matérias produzidas nos dois veículos dentro do recorte temporal foram racismo, *Black Lives Matter* e negros. O *corpus* considerou 108 matérias veiculadas pelo O Estado de São Paulo nos três meses recortados para esta pesquisa e outros 121 textos publicados pela Folha de S.Paulo com as mesmas palavras-chaves. A busca foi feita nos *sites* dos jornais no mês de setembro e as matérias,

coletadas na íntegra na versão digital. Optou-se por uma análise qualitativa de cinco textos de cada jornal.

As categorias da análise consideraram os critérios de noticiabilidade, ou valores notícia, instituídos por Traquina (2008, p. 91). Entretanto, foca apenas os 12 critérios substantivos: morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, atualidade, notabilidade, inesperado, conflito, infração/controvérsia, escândalo. Tais valores estão relacionados exatamente ao conteúdo da notícia, tratando de aspectos como pessoas envolvidas no fato, o interesse - comoção humana ou algo excepcional - ou ainda o tipo de impacto local ou global, conforme detalhado a seguir.

O efeito Floyd nos jornais O Estado de São Paulo e Folha de S.Paulo

No Brasil, a produção de conteúdo jornalístico sobre a questão racial aumentou após o assassinato de Floyd, dando espaço a personagens e intelectuais negros como a filósofa feminista Djamila Ribeiro, o advogado e filósofo Silvio Almeida, entre outros, que integram ou apoiam movimentos negros. As denúncias de racismo destacadas no O Estado de São Paulo e na Folha de S.Paulo demonstram o empenho da mídia impressa em debater o tema. Cinco matérias veiculadas no primeiro jornal durante o período analisado foram selecionadas, categorizadas e comentadas (Tabela 1).

Tabela 1 - Seleção de matérias sobre o tema no Estadão

O Estado de São Paulo		
Título	Dia/Mês	Autoria
Presidente da Fundação Palmares faz ataque a movimento negro	03/06/20	Vera Rosa Julia Lindner
Multidões marcham em todo o mundo	07/06/20	Henry Nicholls
Em busca das fontes corretas	09/07/20	Ben Smith
Abismo racial	20/07/20	Mariana Hallal
Tensão racial leva milhares às ruas em Washington	29/08/20	Beatriz Bulla

Fonte: O Estado de São Paulo, 2020

A primeira recortada para a análise, *Presidente da Fundação Palmares faz ataque a movimento negro*, pode ser categorizada nos critérios de relevância, atualidade, novidade, inesperado e escândalo. No texto, as autoras destacam o áudio de uma reunião

que ocorreu antes do início dos protestos a favor das vidas negras, em uma reunião realizada em abril de 2020, quando “[...] Sérgio Camargo, classificou o movimento negro como “escória maldita”, que abriga “vagabundos”, e chamou Zumbi de “filho da puta que escravizava pretos” (ROSA; LINDNER, 2020, p. 1).

O fato, por si, já seria classificado como escandaloso e inesperado, ao se considerar que o presidente de uma instituição com o nome de Fundação Palmares deveria, minimamente, defender a luta dos negros. O texto ganha relevância e novidade ao ser noticiado no contexto das mobilizações ao redor do mundo pelo fim deste tipo de violência. O apelo da atualidade está justamente na apuração, que aproxima as falas de Camargo à política, inclusive, relacionando as semelhanças entre os presidentes dos Estados Unidos e do Brasil (Donald Trump e Jair Bolsonaro - respectivamente). A gravação vazou e causou indignação nacional no momento em que os protestos antirracistas estavam em plena ascensão, após a morte de Floyd.

O texto *Multidões marcham em todo o mundo* também contextualiza sobre as passeatas ao redor do mundo, porém, com destaque claro para a quantidade de cidadãos nas ruas em plena pandemia. Apesar de rememorar a morte de Floyd, os valores notícia da matéria tratam, principalmente dos protestos em cidades emblemáticas, portanto, reforçam os critérios relevância, novidade, conflito, proximidade e atualidade, que podem ser observados no trecho:

Embora a maioria das pessoas usasse máscaras, seus cânticos coletivos podiam ser ouvidos alto e claro: “George Floyd”, “vidas negras são importantes”, “não há justiça, não há paz”, disseram eles. As imagens mostravam centenas de pessoas correndo em direção à Embaixada dos EUA a pé e de carro, tocando e buzinando. Em Londres houve confronto entre manifestantes e a polícia, mas ninguém ficou ferido (NICHOLLS, 2020, p.1).

Em consonância, *Tensão racial leva milhares às ruas em Washington* pode ser classificada como os valores notícia novidade, conflito, relevância, proximidade e atualidade. Mas é preciso ir além, o texto aproxima os protestos recentes à Marcha de Washington, liderada por Luther King. Por isso, diferentemente da característica factual da matéria *Multidões marcham em todo o mundo*, nesta, pode-se notar os critérios morte, notabilidade e notoriedade, pois toda narrativa é construída em alusão à história do ativista negro dos anos 1960, ao destacar:

A manifestação de ontem foi uma releitura do movimento contra o racismo impulsionado por King. [...] Quase 60 anos depois, o mesmo

lugar foi ocupado para renovar a campanha pela igualdade racial. Mekeda Smith, de 38 anos, carregava um cartaz com uma foto em preto e branco de uma manifestante da década de 60, colada entre a frase “Minha avó fez, agora é a minha vez!” (BULLA, 2020, p. 1).

Apesar de narrar a morte de Floyd e apontar personagens atuais dos Estados Unidos, bem como reforçar os locais ocupados pelos manifestantes, o tom da matéria retoma a importância do líder e pastor de 1960. “Depois dos discursos de ontem, os manifestantes caminharam até o memorial em homenagem a Martin Luther King” (BULLA, 2020, p. 1), destacou a autora, ao completar: “O filho mais velho de Luther King, Martin Luther King III, disse que, apesar de a marcha ser sobre o famoso sonho de seu pai, “não se deve nunca esquecer o pesadelo americano” (BULLA, 2020, p. 1), pontuou, reforçando a notabilidade e da notoriedade, ou seja, a importância e popularidade de Luther King em seu texto.

No artigo *Em busca das fontes corretas, os critérios novidade, notabilidade e inesperado* são claros. O texto retrata a busca da indústria cinematográfica por trabalhos de profissionais negros, como se fosse possível recuperar a falta deles nesse mercado. Os valores notícia desta matéria estão justamente em dar espaço/importância a personagens negros justamente quando um fato inesperado mobilizou o mundo e ressignificou as estratégias das empresas.

Em tempo, o destaque fica para as organizações que se antecipam e inovam, como a Netflix, não necessariamente por terem um número superior de profissionais negros, mas pelo acúmulo de conteúdo para negros, o que permitiu, a partir de um fato inesperado, inovar na programação, como mostra a matéria.

No dia 10 de junho, a Netflix flexibilizou a sua programação voltada à comunidade preta exibindo uma coleção de “Black Lives Matter” de 56 programas, filmes e documentário, como também minisséries de Duvernay sobre as falsas convicções do Central Park Five, *When They See Us* (Olhos que condenam) e o seu documentário sobre racismo sistêmico e as prisões em massa, *13th* (SMITH, 2020, p.1).

Já o texto *Abismo Racial* pode ser classificado nas seguintes categorias: relevância, conflito, infração/controvérsia, pois reforça as diferenças econômicas entre brancos e negros, mesmo após 10 anos da vigência do Estatuto da Igualdade Racial - que prevê a inclusão de pessoas negras na sociedade. Conforme destaca a matéria, “[...] apesar de o documento reforçar o compromisso do Brasil com a eliminação das desigualdades

raciais, pouca coisa mudou na prática” (HALLAL, 2020, p.1). No texto, o conflito social é claro, pois a autora destaca a falta de avanços pontuais e a controvérsia.

Um dos artigos do Estatuto ressaltado pelos especialistas é o que trata da adoção de ações afirmativas para acesso ao ensino superior e ao trabalho. “A cota é a única política em vigor no Brasil para reverter esse círculo vicioso que mantém a população negra em uma posição inferior”, afirma Mário Theodoro (HALLAL, 2020, p.1).

Na amostragem do O Estado de São Paulo, apenas uma matéria não destaca exatamente a relevância, pois trata da indústria cultural e o papel da gigante de *streaming*, fato que não tem exatamente um impacto sobre o país. A maioria das produções jornalísticas do jornal também é classificada nas categorias atualidade e novidade, já que sempre atrelam os conteúdos diretamente à morte de Floyd.

Os cinco textos selecionados da Folha de S.Paulo (Tabela 2) reforçam praticamente os mesmos critérios, no entanto, prezam uma abordagem menos factual, mas com apontamentos relevantes dentro da temática, já que as pautas demonstram claramente como o racismo atinge a vida das pessoas.

Tabela 2 - Seleção de matérias sobre o tema na Folha

Folha de S.Paulo		
Título	Dia/Mês	Autoria
De King a Floyd, meio século perdido	06/06/20	Demétrio Magnoli
Ínfimas ações não nos absolvem	07/06/20	Maíra Dvorek
Racismo perpetua fosso social no Brasil, mostram pesquisas	19/07/20	Érica Fraga Pedro Ladeira
O racismo no Brasil é tão cruel, dói tanto, que tu te negas a falar dele	02/08/20	Paulo Paim Iara Lemos Elio Gaspari
Racismo e descaso afetam a saúde mental de negros	27/08/20	Tayguara Ribeiro

Fonte: Folha de S.Paulo, 2020

No primeiro artigo selecionado para a análise deste jornal, *De King a Floyd, meio século perdido*, Magnoli (2020, p. 1) rememora a morte dos dois personagens e compara os momentos políticos para mostrar que “[...] o racismo institucional sobreviveu à derrota, instalando-se principalmente na casamata do sistema judicial e policial”.

O texto sinaliza os valores notícia proximidade, relevância, tempo, conflito, infração/controvérsia e atualidade ao destacar que os tribunais ainda usam réguas

diferentes para aplicar punições aos negros e aos brancos. É fácil observar que o autor aponta a desordem e o desrespeito aos programas de preferências raciais, além de ressaltar a desigualdade social com recorte racial. Segundo ele,

A divisão da nação entre cidadãos de primeira e segunda classe assumiu novas formas após a supressão das leis de segregação racial. O racismo saiu dos códigos legais, mas não das consciências. As políticas de preferências raciais propiciaram a naturalização de um cínico intercâmbio: se você não é branco, terá caminhos especiais até a universidade, mas será tratado como marginal por policiais e juízes (MAGNOLI, 2020, p. 1).

Ainda no texto, as categorias aparecem quando o autor faz uma comparação com outro tempo, rememorando Barack Obama, e o valor que cada autoridade pública dá ao tema. Além disso, a relevância e a proximidade aparecem nas analogias com cidadãos reais do Brasil - e também de outros países -, que enfrentam a mesma realidade de Floyd.

Em *Ínfimas ações não nos absolvem*, a autora aponta que as tentativas dos brancos de incluir pessoas negras nas rotinas diárias não minimizam o racismo estrutural. A matéria pode ser categorizada nos critérios relevância, conflito, infração/controvérsia, quando expõe que suas próprias ações para combater atitudes racistas são contraditórias e valorizam ainda mais a urgência de se falar sobre o tema. Conforme enfatiza:

Não tenho eu adotado a prática diária do não racismo. Quando me dou conta disso, sinto uma vergonha que não absolve nem zera essa herança repulsiva. Minha consciência política se dá pela metade. Sei do racismo, li Martin Luther King e aprendo com Spike Lee. O que eu faço com tudo isso? Nada (DVOREK, 2020, p. 1).

Apesar de mencionar a morte de Floyd, o artigo de Dvorek (2020, p. 1) ressalta a necessidade social de absolvição. Nesse momento, além da relevância e do conflito, pode-se considerar o valor notícia proximidade, já que ela destaca a problemática a partir da sua própria experiência. “Ao assistir à morte de George Floyd chorei. Senti-me feliz ao ver os incêndios e as manifestações. Achei que essa alegria se atribuía a uma sensação de vingança. Agora, ao escrever, vejo que não era isso. Era sentimento de absolvição”, assume a autora, reforçando o racismo diário em todas as esferas e a falta de iniciativas práticas para minimizar a violência contra pessoas pretas.

Características similares podem ser observadas em *Racismo perpetua fosso social no Brasil, mostram pesquisas*, que também pode ser classificado pela relevância, atualidade e proximidade, pois reforça a discriminação e desigualdade das raças no país.

Todos esses valores notícia são claros quando a autora mostra dados, entrevistas com especialista e aponta que “Mais recentemente, estudos econômicos também passaram a oferecer evidências de que a discriminação está na raiz de processos que prejudicam os negros em várias esferas da vida no Brasil” (FRAGA, 2020, p. 1).

A partir de estudos e análises estatísticas, a matéria de Fraga evidencia o país como um dos mais desiguais do mundo, reforçando as categorias proximidade, relevância e atualidade, critérios que também são encontrados no texto *O racismo no Brasil é tão cruel, dói tanto, que tu te negas a falar dele*, o qual destaca a falta de representantes negros no parlamento gaúcho - um modelo que se repete em todas as casas de leis do país. Na coluna, Paim, Lemos e Gaspari (2020, p. 1) recordam que o Estatuto da Igualdade Racial e outras medidas, como as cotas, ainda não são plenamente respeitadas.

Esses valores notícia - proximidade, relevância e atualidade - são claros quando os autores reforçam que a ausência de negros na política é um problema que atinge a nação, pois dali deveriam surgir propostas de inclusão, que muitas vezes partem apenas de quem representa a causa. “Essa realidade está aí e nós sabemos que tudo passa pela política. Por que os negros não estão em espaços onde estão os outros? Porque o racismo é estrutural, passado de geração para geração” (PAIM, LEMOS, GASPARI, 2020, p. 1).

O último texto analisado também reflete a discriminação da sociedade. Em *Racismo e descaso afetam a saúde mental de negros*, Ribeiro (2020, p. 1) valoriza critérios como atualidade, tempo, proximidade e relevância ao retratar histórias de pessoas que sofrem preconceito racial em uma “[...] sociedade moldada pelo racismo estrutural”. Embasado em pesquisas e entrevistas com especialistas, o autor ilustra que o racismo pode ser “[...] um gatilho para problemas como ansiedade e depressão”.

Ao comparar cenários e trabalhar com as experiências das fontes, o jornalista valoriza a problemática - que não é atual, pois impacta a população há séculos - usando como gancho um episódio recente: a morte de Floyd. Ribeiro (2020, p.1) ilustra claramente a relevância e a proximidade cultural quando demonstra que os efeitos da discriminação racial não atingem apenas negros. “Para pessoas brancas ou não negras, pode ser doloroso o desafio de passar pelo processo que é deixar de negar o racismo e superar a culpa e a vergonha advindas do reconhecimento de privilégios.”

Considerações finais

Esta análise mostrou que os jornais O Estado de São Paulo e Folha de S.Paulo trouxeram em seus cadernos diferentes abordagens sobre a união de negros e brancos em prol do movimento *Black Lives Matter*. Evidentemente, a partir desse gatilho que surgiu do virtual, os meios de comunicação impressos ampliaram a publicação de matérias com esse enfoque. Enquanto o primeiro veículo analisado neste estudo trabalhou mais pautas citando diretamente o assassinato de Floyd, o segundo, reforçou o racismo e a violência contra negros a partir de conteúdo mais reflexivos, não necessariamente factuais.

A amostragem destaca que os 12 critérios substantivos de noticiabilidade - morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, atualidade, notabilidade, inesperado, conflito, infração/controvérsia, escândalo (TRAQUINA, 2008, p. 91) - aparecem nos textos dos dois jornais. A maioria das produções do Estadão é classificada nas categorias atualidade e novidade, já as publicações da Folha reforçam categorias como relevância e conflito ao tratarem como o racismo atinge a sociedade.

As categorias relevância e atualidade são frequentes em todas as matérias, pois, um fato inesperado como a viralização do assassinato de um homem negro, desarmado e imobilizado, pautaram a mídia internacionalmente, destacando a importância dos meios de comunicação no debate sobre a violência contra vidas negras.

Na contemporaneidade, foi necessário que um celular transmitisse ao vivo a morte de um homem de pele preta - fato corriqueiro para as instituições de segurança pública - para que a mídia (nesse caso, impressa) assumisse seu papel na discussão dessa questão histórica que é o racismo estrutural, corajosamente abordada pela revista Realidade há quase meio século.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALEXANDER, Jeffrey C. A tomada do palco: performances sociais de Mao Tsé-Tung a Martin Luther King, e a Black Lives Matter hoje. **Sociologias**, v. 19, n. 44, p. 198-246, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/v19n44/1517-4522-soc-19-44-00198.pdf>. Acesso em: 9 out. 2020.

BLOG DA BIBLIOTECA DA ECA. **Realidade: “uma revista para homens e mulheres inteligentes”**. [07/08/2017]. Disponível em: <https://bibliotecadaeca.wordpress.com/tag/revista-realidade/>. Acesso em: 9 out. 2020.

BRASIL DE FATO. **Há 50 anos, Martin Luther King era assassinado**. Direitos Humanos. [04/04/2018]. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/04/ha-50-anos-martin-luther-king-era-assassinado>. Acesso em: 9 out. 2020.

COLVARA, Lauren Ferreira. **Tecnototemismo: identidades múltiplas e nova subjetividade**. Conexão-Comunicação e Cultura, v. 6, n. 11, 2007.

FOLHA DE S.PAULO. **Homepage**. São Paulo. Diário. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br/>. Último acesso: 29 set. 2020.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª Ed. Revista. São Paulo: Global Editora, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Práticas ciberativistas, agência social e cibercontecimentos. Vivência: **Revista de Antropologia**, n. 45, p. 13-22, 2015.

KERCKHOVE, Derrick De. **A pele da cultura: investigando a nova realidade eletrônica**. São Paulo: Annablume, 2009.

LABORDE, Antonia. **Minneapolis declara estado de emergência por protestos contra o racismo policial**. Internacional. El País [28/05/2020]. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-05-29/minneapolis-declara-estado-de-emergencia-por-protestos-contra-o-racismo-policial.html?rel=listapoyo>. Acesso em: 05 out. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LE MOS, André. **Cibercultura e mobilidade: a era da conexão**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005. Rio de Janeiro.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Homepage**. São Paulo. Diário. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/>. Último acesso: 29 set. 2020.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). **Matrizes: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo**, São Paulo, n.2, jul-dez de 2013, pp.75-93. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/69407/71976>. Acesso em: 05 out. 2020.

SODRÉ Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política / Muniz Sodré**. RJ, Petropolis: Editora Vozes, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional, 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

WEINBERGER, David. **Why open spectrum matters: the end of the broadcast nation**. In: Tovey, Mark (Ed.). **Collective intelligence: creating a prosperous world at peace**. Virginia: Earth Intelligence Network, 2008.